

[ FERNANDO MARQUES PENTEADO ]

É artista visual com trabalho em desenho, impressões e bordados, mestre em Artes Visuais/Têxteis pelo Goldsmiths College, em Londres. Desenvolve produtos têxteis para o mercado do vestuário e da decoração. Colabora com educação e pós-graduação em artes, têxteis e moda, nacional e internacionalmente. É um cronista, um curador e um fotógrafo clandestino.

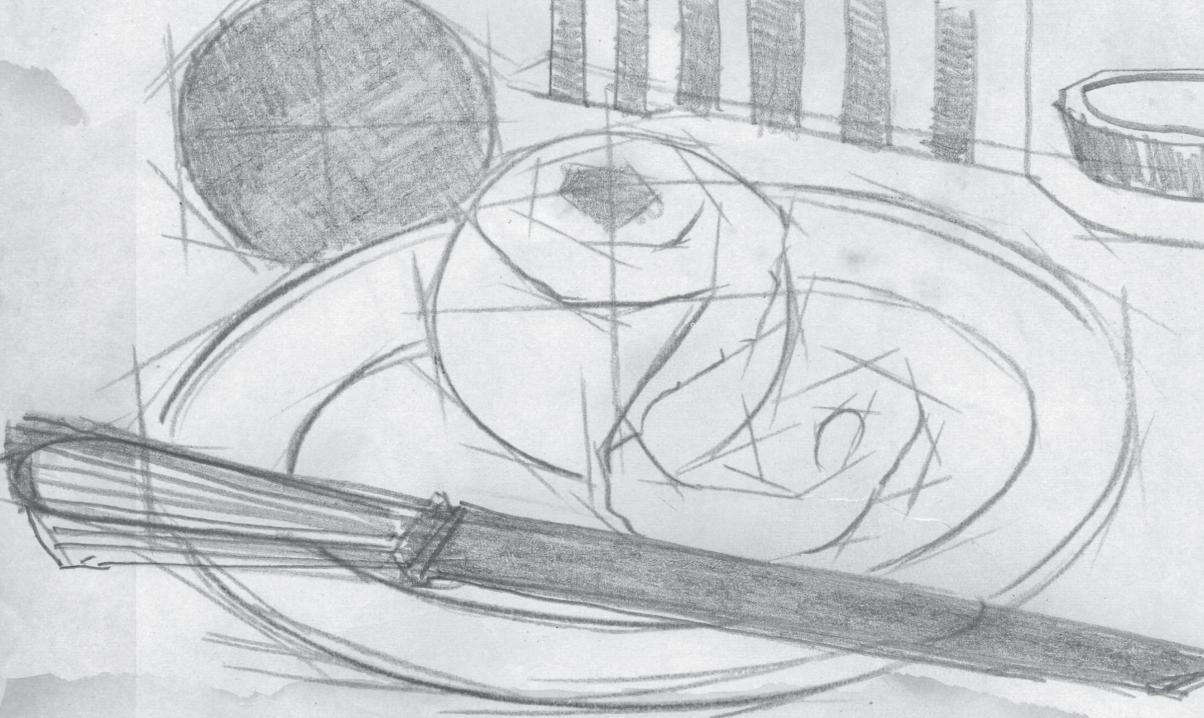
E-mail: marquespenteado.f@gmail.com

## Chupas de laranja

Queridas editoras, Kathia e Tula

[ 34 ] O formato de uma carta me pareceu o único cabível para esta minha contribuição ao número temático de *dObra[s]* sobre o futebol, pois a bola de comentários que ponho aqui em jogo é estufada, exclusivamente, por cenários pessoais e por esgarçados sentimentos e memórias sobre o futebol. Sou daqueles sujeitos que nunca estiveram em um estádio em dia de jogo, muito menos se ligaram a debates futebolísticos: entretanto levo sensações poderosas da importância, da riqueza, da magia, do inchaço e das desventuras deste esporte por entre a vida do coletivo da "nação brasileira". O pedido que vocês me fizeram de contribuir com este número acelerou meu desejo antigo de ler o livro *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, de José Miguel Wisnik<sup>1</sup>, texto ímpar, minucioso, completo e insólito sobre o futebol de hoje e o do futuro, obra-prima enquanto análise histórica e crítica, tanto quanto maravilhosa por seu estilo literário. Esta carta é assim uma tabelinha entre minhas sensações oblíquas e percepções rarefeitas sobre o futebol e a amplitude mestra de José Miguel nesse texto, tanto no que diz respeito a esse esporte "tão especial para a nossa terra" quanto no tocante às questões inegociáveis na formação do Brasil contemporâneo. Esta carta entre nós vai driblar, marota, as clássicas notas de rodapé, e assim o leitor vai encontrar as citações desse nosso professor de literatura, ensaísta, músico e compositor que é José Miguel Wisnik sem o detalhamento da página exata de onde elas foram extraídas do livro citado: as citações aparecerão entre aspas e seguido de JMW entre colchetes, assim [JMW].

José Miguel descreve um mundo fusional que unia cidade, praia e mangue, tendo como pano de fundo a cidade em que ele viveu ininterruptamente durante dezoito anos, a de São Vicente, no litoral paulista, e reputa à vida e às cenas que testemunhou nessa ilha com incubadoras da gênese de seu contato direto, de seu carinho e da sua compreensão de um futebol "por dentro", íntimo, de pele e que só fez por se desenvolver com os anos. Coincidentemente a minha memória mais recôndita do futebol vem desse mesmo cenário e na mesma era: eu, nascido e vivendo em São Paulo, passava religiosamente férias na praia colada, Santos, e todo o encanto que ainda preservo desse jogo vive magnificado pelo lúdico e pela espontaneidade dos ambientes de então. "(...) o jogo se estendia interminavelmente, e em geral semi-esquecido do placar, que importava menos que a condução e a disputa da bola, o festival desperdiçante dos dribles, o descortino inusual dos passes, a brisa e a água do mar espirrando nas divididas pela beirada" [JMW]. Eu contemplava esse futebol, e a sua descontração me preenchia de um efeito calmante, já que eram mais o júbilo e as risadas o que por lá acontecia, a vida com raras doses de truculência ou de afetação pessoal: era como se o mundo estivesse no lugar correto.



Colagens de f. marquespenteado

O evento futebol só se revigorava em meu dia a dia quando das disputas de Copas. Nossa família alargada, compactada como em lata de sardinhas, assistia aos jogos transmitidos pela televisão em uma sala na casa de meus tios. Essa sala era composta de um sem-número de fetiches e regras mágicas que a ninguém era autorizada qualquer contravenção, tudo para não chamar o azar: tínhamos de nos apresentar com a mesma idêntica camisa que tínhamos usado no jogo anterior em caso de vitória brasileira, os indivíduos só podiam sentar-se nos mesmos idênticos lugares, certas palavras não podiam "jamais" ser pronunciadas, e assim por diante. Lendo José Miguel consegui reviver um pouco as emoções, as suspensões que nos assolavam então. "Ao vermos as imagens fugazes das Copas do Mundo dos anos de 1950, por exemplo, em que o jogo é jogado sem o aparato imagético e midiático a incensá-lo, vibra nas nossas 'retinas fatigadas' a aura de inocência que cerca um brinquedo ainda exposto ao espanto, à piedade e ao terror sagrado" [JMW].

[ 35 ]

De lá para cá meu desinteresse pelo futebol só cresceu, dado sobretudo ao modelo regimental de jogo e de desempenho de equipe em campo que lhe vem sendo imposto à exaustão, excluindo de seu cerne as suas artes, as suas improvisações e as genialidades que tanto nos encantavam. A imagem, em mim, que resume essa sensação de anestesia melancólica, e que há um tempo venho trocando nos grupos quando me pedem que eu "fale sobre futebol", é a imagem das chupas de laranja. Cenário: eu em um cinema, fim de tarde, sala de tela pequena. Antes do filme principal vem o jornal *Canal 100*, que, embora fosse uma cobertura jornalística com notícias variadas, glorificava nos seus finais os mais recentes jogos e os gols do futebol: levo a impressão que essa tenha sido a última vez a que assisti ao *Canal 100* com seu contagiante hino de abertura. A edição do jornal daquela tarde de cinema retratava Copas passadas, e eis que em um importante jogo de final "elas" aparecem em cena: as chupas de laranja. Chupas são as duas partes de uma laranja talhada ao meio cuja "pele grossa" é laboriosa e eximamente retirada, restando-lhe a pele branca e sutil, dois cálices donde se chupa da fruta o seu frescor e vigor. No documentário daquela tarde, um treinador brasileiro, poucos instantes depois de terminada aquela partida-chave e sem nenhum outro ofuscante assédio humano, técnico ou cinematográfico a seu redor, conversando com um exausto atacante, lhe entregava, de forma serena, duas ingênuas chupas de laranja: elas, chupas, idênticas as que eu menino chuchava na praia em Santos assistindo a um futebol fluido e exemplar. Ali, naquela imagem, a "aura de inocência" de que fala José Miguel se recompôs em mim, conjunta, porém, à maléfica e invasiva realidade das coberturas televisivas contemporâneas com seus desmedidos interesses e compromissos; rasgou-se ali o



Colagens de f. marquespenteado

[36]

meu elo anímico com o futebol e... quanto ele tem custado a se recompor. Porém, posso afirmar que a amplitude da leitura do livro de José Miguel cicatrizou esse corte; o conto infantil clássico agiu reversamente sobre mim, e o rei José Miguel (me) mostrou o quanto eu estava nu em relação a ideias e a entradas positivas em relação à pertinência cultural e de pesquisa do fenômeno futebol enquanto "campo privilegiado" para compreender os caminhos de nossa nação.

Aproveito para comentar minha sensação de desconforto visual por aquilo que se tornou, talvez, a maior aberração e incongruência na difusão dos esportes: o despotismo (têxtil) do corpo dos atletas cravejado de logomarcas. A sensação é de oportunismo, e neste nosso caso, o rito em que o futebol se fundamenta e por meio do qual continua inspirando o mundo transversalmente fica manco de uma pulsação inspiradora, e seus heróis atletas ficam manchados de um sangue que não corre ou versa da dimensão primordial que o jogo e a disputa evocam.

(...) o alcance, o poder de apelo e a adesão magnética fazem do futebol um veículo ideal da mercadoria em seu estado de irradiação onipresente (...). Assim, além de o marketing ter invadido campo, bola, frente e dorso das camisas, calções, chuteiras, placas em torno do gramado, uniformes do juiz e dos bandeirinhas (...) uma elite de jogadores é chamada a se converter em suporte privilegiado de marcas publicitárias, emergindo como ícones de um mercado mundializado envolvendo interesses bilionários (...) [JMW].

E termino com um gol que me marcou nessa partida, eu *versus* a leitura de José Miguel; gol de rei, cultural e cortante, arguto e certo e que se aprofunda na reflexão dos Brasis em nós.

Seria [o futebol brasileiro] mais um mecanismo de fuga entre outros se não fosse, ao mesmo tempo, o campo em que a experiência brasileira encontrou uma das vias privilegiadas para atravessar o seu avesso e tocar as fraturas traumáticas que nos constituem e permanecem em nós como um atoleiro. Ele é a confirmação do paradoxo da escravidão brasileira como um mal nunca superado e, ao mesmo tempo como um bem valioso em nossa existência, não pela escravidão enquanto tal – o que é óbvio e gritante aos céus –, mas pela amplitude de humanidade que desvelou. Por isso mesmo ele figura como



redenção e como falha irresolvida, como o remédio irremediável em que pendulamos, na incapacidade de estender os seus dons vitoriosos e potentes às outras áreas da vida nacional – em especial à educação e à política, com implicações para todo o resto. E a mesma cegueira faz com que se queira gozar os seus efeitos como se fossem dados de presente e desde sempre e que se recuse a reconhecer o custo permanente de sua construção [JMW].

[ 37 ]

A vocês, queridas, sei que torcedoras e entusiastas, uma boa Copa do Mundo de Futebol; que comece cheia de lances de bola mágicos e inebriantes, e que termine com um jogo palpitante e passes estonteantes, com o menor número possível de cenários de arbitragem, de pênaltis finais e pressões psicológicas. E, mais uma vez, grato pelo vosso pedido e tarefa, eles que me abriram a chance para a oportunidade de uma (grande) leitura e também o coração para uma próxima visita aos alambrados dos estádios em busca de uma natureza sincera do futebol.

Fernando

[1] WISNIK, José Miguel. Veneno remédio: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.